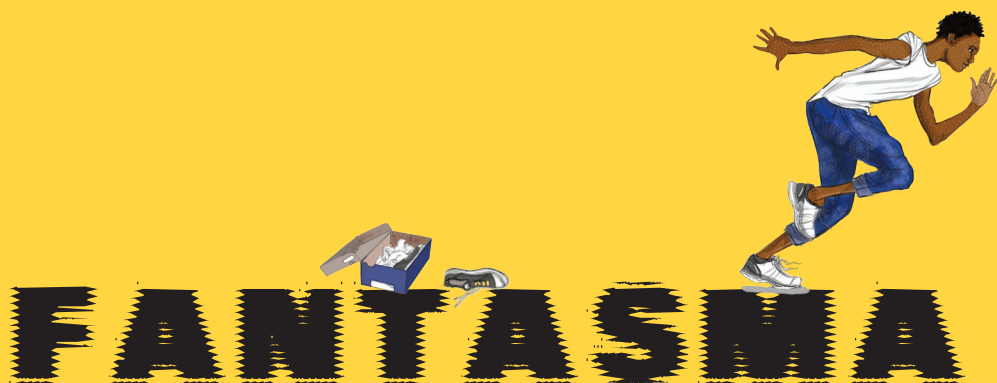


jasonreynolds



ELE CORRE PARA SALVAR A PRÓPRIA VIDA...
OU PARA FUGIR DELA?

FANTASMA

FANTASMA

jason reynolds

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2016 by Jason Reynolds
Publicado originalmente por Atheneum, um selo da
Simon & Schuster, Inc. Publicado mediante acordo com
Pippin Properties, Inc. por meio da Rights People, em Londres.

TÍTULO ORIGINAL

Ghost

REVISÃO

Giu Alonso

Flora Pinheiro

PROJETO GRÁFICO

Debra Sfetsios-Conover e Irene Metaxatos

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Debra Sfetsios-Conover

ILUSTRAÇÕES DE CAPA

© 2016 by Vanessa Brantley Newton

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R355f

Reynolds, Jason, 1983-

Fantasma / Jason Reynolds ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed.

- Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

208 p. ; 21 cm.

Tradução de: Ghost

ISBN: 978-85-510-0232-2

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Winarski, Regiane. II. Título.

17-42294

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

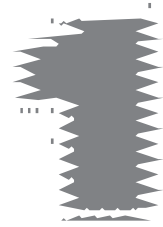
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

para todos os corredores



RECORDES MUNDIAIS

ESCU TA ESSA: um cara chamado Andrew Dahl bateu o recorde mundial de encher mais balões... com o nariz. Isso mesmo. Pura verdade. Não sei como ele descobriu que tinha esse talento especial, não dá nem pra imaginar quanta meleca deve ter entrado nos balões, mas, pô, é uma coisa interessante, e Andrew é o melhor nisso. Tem também uma mulher chamada Charlotte Lee, que bateu o recorde de ter a maior quantidade de patos de borracha. É sério. Sabe o que é mais esquisito? Não consigo entender por que uma pessoa ia querer *um* patinho de borracha, quanto mais 5.631. *Fala sério.* E eu, bom, eu devo ser o recordista mundial de saber mais sobre recordes mundiais. Disso, e de comer mais sementes de girassol.



— Vou tentar adivinhar... sementes de girassol? — o sr. Charles praticamente grita de trás do balcão do que ele chama de sua “loja de campo”, apesar de morarmos na cidade. O sr. Charles, que, aliás, é igualzinho ao James Brown se James Brown fosse branco, me vende sementes de girassol cinco dias por semana há mais ou menos, deixa eu ver... Desde o quarto ano, que foi quando a minha mãe arrumou o emprego no hospital. Então faz uns três anos. Ele também é deficiente auditivo, só que, quando minha mãe dizia isso, eu sempre achava que ela estava dizendo “eficiente auditivo”, o que não fazia nenhum sentido para mim. Não sei por que ela não dizia “meio surdo”. Talvez “deficiente auditivo” tenha sido algo que ela ouviu no hospital e aprendeu. Mas, na real, o sr. Charles não escuta quase nada, e é por isso que ele está sempre gritando com todo mundo e todo mundo está sempre gritando com ele. A loja é um festival de gritaria, isso sem falar nos efeitos especiais extras da TV no último volume atrás do balcão que ele deixa passando filmes de caubói o dia inteiro. O sr. Charles também foi a pessoa que me deu esse livro, *Guinness World Records*, que foi como descobri sobre Andrew Dahl e Charlotte Lee.

Ele diz que eu posso bater um recorde um dia. Um recorde de verdade. Ser um dos maiores alguma coisa do mundo. Talvez. O que eu sei é que o sr. Charles com certeza detém o recorde de dizer *Vou tentar adivinhar... sementes de girassol*, porque ele diz isso toda vez que vou lá, o que deve significar que já devo ter o recorde de gritar de volta, exatamente do mesmo jeito:

— Vou tentar adivinhar... um dólar?

Essa é a minha resposta de sempre. Já falei um milhão de vezes. Em seguida, coloco um dólar na sua palma da mão enrugada, e o sr. Charles me entrega o saquinho de sementes.

Depois disso, prossigo em minha caminhada em câmera lenta e só paro de novo quando chego ao ponto de ônibus. Mas esse não é um ponto de ônibus qualquer. É o que fica bem em frente à academia. Fico sentado lá com as outras pessoas esperando o ônibus, só que nunca estou esperando de verdade. O ônibus leva a gente para casa rápido, e não quero isso. Eu gosto mesmo é de ficar vendo as pessoas se exercitarem. Veja bem: a academia do outro lado da rua tem um janelão, tipo, a parede inteira é uma janela, e lá dentro tem aquelas máquinas que fazem você parecer que está subindo uma escada infinita, e todo mundo fica virado para o ponto de ônibus com cara

de maluco, como se fosse desmaiar. E, pode acreditar, não tem nada mais engraçado do que isso. Então, fico um tempo olhando para lá como se fosse um filme: *O Show dos Que Vão Desmaiar*, estrelando as pessoas subidoras de escada. Sei que isso tudo deve parecer meio esquisito, talvez até um pouco apavorante, mas é bom quando se está entediado. A melhor parte é começar a comer as minhas sementes de girassol como se fossem pipoca.

Sobre as sementes de girassol. Eu gostava de colocar um monte na boca ao mesmo tempo, chupar o sal e cuspir todas que nem uma metralhadora. Acho que também poderia ter batido um recorde mundial disso. Mas agora eu amadureci. Agora, eu como devagar, movimento as sementes pela boca, posiciono-as para a mordida perfeita abrir a casca, separo cuidadosamente a semente da casca com a língua e depois — e essa é a parte difícil — eu deixo a semente em segurança num canto da boca e cuspo as cascas. E, por fim, depois disso *tudo*, eu mastigo a semente. Sou um mestre nisso, embora, sinceramente, sementes de girassol não tenham gosto de nada. Nem sei se vale todo o trabalho. Mas gosto do processo mesmo assim.

Meu pai também comia sementes de girassol. Foi dele que herdei isso. Mas ele mastigava tudo. As cascas,

as sementes, tudo. Devorava como se fosse um animal selvagem. Quando eu era bem pequeno, perguntava se um girassol ia nascer dentro dele, já que comia tantas sementes. Ele sempre estava assistindo a algum jogo, de futebol americano ou basquete, e se virava para mim por um segundo, só o suficiente para não perder uma jogada, e dizia: “Tem girassóis dentro de mim todinho, garoto.” Depois, ele sacudia as sementes na palma da mão como se fossem dados antes de jogar um punhado na boca e mastigar.

Mas, se quer saber, meu pai estava mentindo. Não tinha girassóis crescendo nele. Não podia ter. Não sei muito sobre girassóis, mas sei que são bonitos e que as meninas gostam deles, e aquele homem não tinha coisas bonitas dentro dele, nem nada de que nenhuma menina fosse gostar, porque mulheres não gostam de homens que tentam atirar na esposa e no próprio filho. E esse era o tipo de homem que ele era.

Faz três anos que meu pai surtou. Foi quando a bebida o deixou mais cruel do que nunca. De tempos em tempos ele virava uma pessoa diferente, se transformava em um louco, mas naquela noite minha mãe finalmente decidiu reagir. Naquela noite, tudo deu errado. Minha cabeça estava escondida entre o colchão e o travesseiro — algo que eu tinha me acostumado a

fazer quando eles brigavam — na hora que minha mãe entrou no meu quarto.

— A gente vai embora — disse ela, puxando a coberta. E, como não me mexi rápido o bastante, gritou: — Vamos!

Quando percebi, estava sendo arrastado pelo corredor, aos tropeços. E foi nessa hora que olhei para trás e vi meu pai saindo cambaleante do quarto, a boca sangrando, uma arma na mão.

— Não me obrigue a fazer isso, Terri! — gritou ele, com raiva e medo ao mesmo tempo.

Mas minha mãe e eu não paramos. O som da arma sendo engatilhada. O som da fechadura sendo destrancada. Assim que ela abriu a porta, meu pai disparou. Ele estava atirando em nós! Meu pai! *Meu* pai estava atirando... em... *NÓS!* Na esposa e no filho! Eu não olhei para ver no que ele tinha acertado, e o principal motivo foi porque estava com medo de que tivesse sido em mim. Ou na minha mãe. O som foi alto e intenso o bastante para me fazer achar que meu cérebro ia explodir, o bastante para fazer meu coração dar um salto. Mas a coisa mais maluca foi que senti como se o tiro, o som mais alto que já ouvi, tivesse feito minhas pernas se moverem mais rápido. Não sei se isso é possível, mas foi o que pareceu.

Minha mãe e eu disparamos escada abaixo, pela rua, entrando na escuridão com a morte em nosso calcanhar. Nós corremos e corremos e corremos, até que finalmente chegamos à loja do sr. Charles, que, para a nossa sorte, fica aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Bastou o sr. Charles dar uma olhada em mim e na minha mãe, sem fôlego, chorando, descalços e ainda de pijama, para nos esconder no estoque enquanto chamava a polícia. Nós passamos a noite lá.

Não vejo meu pai desde aquele dia. Segundo minha mãe, a polícia disse que, quando chegou lá em casa, ele estava sentado nos degraus em frente à porta, sem camisa, com a arma ao lado, bebendo cerveja, comendo sementes de girassol, esperando. Como se quisesse ser preso. Como se não fosse nada de mais. Ele pegou dez anos de prisão e, sinceramente, não sei se fico feliz com isso ou não. Às vezes, eu queria que ele ficasse na prisão para sempre. Outras vezes, queria que ainda estivesse em casa, no sofá, vendo um jogo, balançando sementes na mão. Seja como for, uma coisa é certa: foi naquela noite que aprendi a correr. Por isso, quando cansei de ficar sentado no ponto de ônibus em frente à academia e me deparei com várias crianças treinando na pista de atletismo do parque,

jason reynolds

eu tive que ir ver o que estava acontecendo, porque correr não era nada que precisei treinar. Era só uma coisa que eu sabia fazer.

ISBN 978-85-510-0232-2



9 788551 002322

www.intrinseca.com.br

— O problema é que não dá para fugir de nós mesmos.

— O treinador tirou a toalha do ombro, dobrou em um quadrado perfeito e a colocou entre nós, no banco. — Infelizmente, *ninguém* consegue correr tão rápido.

